

A EXPERIÊNCIA DA ELIMINAÇÃO: UMA BREVE ANÁLISE DO MEDO E DA VIOLÊNCIA LEGITIMADOS POR REGIMES DITATORIAIS NO CONTO “O JANTAR”, DE JULIÁN FUKS

Ivon Rabêlo Rodrigues¹

RESUMO

Propomos uma leitura do conto “O jantar”, de Julián Fuks, enfocando as configurações do medo e da violência perpetrados por regimes ditatoriais como maldades banais. O conto narra a visita de um jovem brasileiro a uma velha tia que mora na Argentina, com o propósito de participar de uma reunião que deveria ser prazerosa a ambos: um jantar em família. No entanto, a trama vai se revelando como uma situação opressora e como real ameaça à liberdade de expressão e à própria vida. O senso comum apregoa que o medo seria fundamental para a sobrevivência, já que é um indicador de possíveis perigos. Em se tratado de violência, há que se insurgir contra, desconstruindo qualquer noção de legalidade ou legitimidade impostas por autoridades políticas “defensoras” do funcionamento adequado de diversos segmentos na máquina estatal. Objetivando enfatizar a maneira pela qual o autor mimetiza os percalços do combate que o protagonista enfrenta ao sentir-se imolado por uma lembrança dolorosa dos atos de barbárie impetrados pelo regime político de exceção que destruiu sua família, recorreremos ao pensamento de Bauman (2012), Arendt (2014) e Žižek (2014) para endossar a proposta do autor em atrelar a narrativa às grandes questões éticas, em uma associação que nos permite inquietações e reflexões, levando-nos ao reconhecimento de

1 Graduado em Letras com dupla licenciatura em Língua Portuguesa/Literatura Brasileira e Língua Inglesa/Literatura Inglesa na Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde - Centro de Ensino Superior de Arcoverde/AESA-CESA. Especialista em Literatura Brasileira pela FAFIRE - Recife/PE. Mestre em Literatura e Interculturalidade pela UEPB - Campina Grande/PB. E-mail: ivonrabelo@hotmail.com

que o propósito da criação literária ultrapassa a mera fruição estética e a complacência passiva para construir-se como matéria de denúncia e protesto.

Palavras-chave: Violência, Ditadura, Literatura brasileira contemporânea.

INTRODUÇÃO

No inverno do ano de 2012, seguindo uma tradição que remonta à época de sua fundação na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, a revista *Granta* publicou uma edição em português dedicada aos melhores jovens escritores brasileiros nascidos a partir de 1972 e que tivessem publicado no Brasil algum texto ficcional. Entre as produções literárias desses jovens autores figura o conto a ser analisado aqui neste ensaio, intitulado “O jantar” e escrito pelo paulista descendente de pais argentinos Julián Fuks.

O texto narra a visita de um jovem homem chamado Sebastián a uma velha tia que mora na Argentina, com o propósito de participar de uma reunião que deveria ser prazerosa a ambos: um jantar em família. Desde o instante em que se vê diante da porta da casa e antes que alguém pudesse abri-la, muitas sensações percorrem sua mente e o seu corpo, como assim o narrador nos descreve: “Nada além de uma escuridão mais densa [...], um calor incalculado abafando o casaco e inundando-lhes os poros, um instante de pura iminência com seus implacáveis rigores.” (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p. 113)

Esta sensação é o medo, descrito no conto em seu primeiro parágrafo e interpretado como algo que ainda não é definível pelo leitor, uma vez que não se sabe o porquê do “calor incalculado”. No entanto o personagem já mostra sinais de que o ambiente que o espera não concederá tanta tranquilidade. A reação de Sebastián (o medo perceptível que ele sente por estar prestes a entrar naquele lugar) é explicada nas palavras do sociólogo polonês Zygmunt Bauman:

O medo nos estimula a assumir uma ação defensiva, e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças, genuínas ou supostas, de que ele presumivelmente emana. É nossa reação à ansiedade que reclassifica a premonição sombria como realidade cotidiana, dando ao espectro um corpo de carne e osso. O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e satura nossas rotinas diárias. Se dificilmente precisa de qualquer outro estímulo externo é porque as ações que incita dia após dia fornecem toda a motivação, toda a justificativa e toda a energia exigidas para mantê-lo vivo, expandindo-se e florescendo. (BAUMAN, 2008, p. 124).

O senso comum apregoa que o medo é fundamental para a sobrevivência, já que ele é o indicador de um possível perigo e risco à vida. Ao se manifestar

como um sentimento inevitável que atinge a todos, homens e animais, o medo do inesperado, do desconhecido, do que foi incutido dentro da nossa mente, do que não se pode ver ou prever gera a ansiedade e a expectativa que permeiam a vida do ser humano.

De acordo com Bauman (2008, p. 125), tem-se a clara noção de que as ações inspiradas pelo medo (“aparentemente preventivas ou defensivas”) em hipótese alguma consideram reduzir o seu vigor nocivo e nem mesmo estão próximas de uma completa finalização. Assim sendo, a motivação do temor do protagonista se fundamentará e se revelará aos poucos no enredo do objeto de nossa análise crítica.

Enfatizando a maneira pela qual o autor do conto mimetiza os percalços do combate que o protagonista enfrenta ao sentir-se imolado por uma lembrança dolorosa dos atos de barbárie impetrados pelo regime político de exceção que desestruturou sua família, recorreremos ao pensamento de Bauman (2012), Arendt (2014) e Zizek (2014) para atrelar a narrativa a questões éticas, em uma associação que nos permite inquietações e reflexões, levando-nos ao reconhecimento de que o propósito da criação literária ultrapassa a mera fruição estética e a complacência passiva para construir-se como matéria de denúncia e protesto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao entrar na casa, Sebastián percebe que somente ele e a tia farão a refeição juntos: a mulher, em “uma total recusa pelas convenções familiares” (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p. 115), eliminando qualquer contato ou referência aos filhos e netos que poderiam estar presentes na ocasião, revelando-se uma pessoa que não dispõe atenção ou interesse sobre sua própria família e nem se deixa incitar por perguntas triviais ou até mesmo mais sérias, acerca de parentes próximos ou distantes.

Sebastián sente-se convencido de que não receberá da tia o acolhimento esperado por alguém que veio de outro país para visitar um ente querido. Os laços familiares, espontaneamente reforçados entre familiares próximos, contorcem-se na diegese do conto, apontando para uma ruptura e conseqüente isolamento entre indivíduos participantes do mesmo círculo familiar e as estruturas sociais das quais deveriam fazer parte.

A filósofa judia de origem alemã Hannah Arendt elaborou uma apurada análise do regime totalitário que assolou a Europa nas primeiras décadas do século XX, enfocando os produtos da lógica nazista e propondo compreender a organização do movimento e suas conseqüências em um livro intitulado

Origens do totalitarismo (1951). Na obra, Arendt reflete sobre o isolamento do indivíduo provocado pela prisão e confinamento nos campos de concentração:

Os campos destinam-se não apenas a exterminar pessoas e degradar seres humanos, mas também servem à chocante experiência da eliminação, em condições cientificamente controladas, da própria espontaneidade como expressão da conduta humana, e da transformação da personalidade humana numa simples coisa, em algo que nem mesmo os animais são; [...] Em circunstâncias normais isso nunca pode ser conseguido, porque a espontaneidade jamais pode ser inteiramente eliminada, uma vez que se relaciona não apenas com a liberdade humana, mas com a própria vida, no sentido da simples manutenção da existência. (ARENDR, 2013, p. 372).

Certamente a personagem da tia no conto em questão não foi confinada em algum campo de concentração nazista. Nossa pretensão em referendar a autora acima citada é estabelecer um paralelo entre o comportamento excludente e degradante da personagem no conto (proposta maior de regimes políticos que estabelecem como seu fulcro a dominação completa do indivíduo através de sua exclusão) e a reversão total da espontaneidade na conduta humana (elemento vital à solidez das relações familiares).

Em uma retomada do propósito degradante do regime totalitarista, a tia de Sebastián encarna na ficção literária essa força limitadora e opressiva exercida pela “experiência do domínio total” que coloca em suspensão a proximidade natural entre os seres humanos, excluindo-os de um convívio real talvez necessário à “simples manutenção da existência”.

À mesa do jantar a conversa é conduzida com impessoalidade até o instante em que ambos defendem seus pontos de vista divergentes acerca da situação do país e das práticas políticas adotadas. A tia, cujo nome no conto não é citado, opina sobre o assunto com uma raiva facilmente perceptível por Sebastián, dirigindo seus ataques ao regime político em vigor e à atuação da presidenta do país que, segundo as palavras dela, “se apossou da Casa Rosada apenas para fazer seus estragos” (FUKS, 2012 in GRANTA, 2012, p. 116).

Em sua fala exaltada, a mulher reforça a ideia de que o atual contexto político na Argentina é assolado por “obscuras tramas” e que conta com o apoio de “uma ignorante massa popular” (FUKS, 2012 in GRANTA, 2012, p. 117). Sentindo-se passivo ante o desfiar de um discurso banal de ódio gratuito, incoerente, redutor e separatista, o protagonista resolve “romper sua própria covardia” tecendo um comentário breve, alegando equívocos e informando à

tia sobre o “extremo prestígio” de que desfrutam as pessoas detratadas por ela, tanto entre a população portenha quanto entre os brasileiros.

Reagindo de maneira a anular quaisquer sentidos cabíveis provenientes dos comentários do sobrinho, a mulher retoma seu discurso e intensifica a dramaticidade de tudo que é dito, reforçando em suas palavras a defesa dos velhos militares argentinos, propondo que sejam perdoados e esquecidos todos os “seus excessos e pecados” (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p. 118).

Neste momento da diegese, o protagonista se afunda em um solilóquio no qual se pergunta como aquela mulher em sua frente pode “defender abertamente aqueles carrascos”, sabendo que por causa desses homens seus pais e ele próprio foram submetidos a um “destino errático” de refugiados em outro país. A reação de Sebastián é alicerçada na impossibilidade de entender de que maneira alheia e irresponsável “ela se permite tal insensibilidade, se também a família dela, se a irmã dela foi por eles vitimada?” (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p. 118).

Em acordo com o que assevera Arendt (2013), as situações de tratamento ostensivo aplicadas aos detentos nas práticas dos regimes totalitaristas são de uma crueldade inconcebível e inconsequente, mesmo quando os forçam a uma fuga de sua própria pátria, assim como ocorreu aos pais do nosso protagonista. Observemos o que diz a filósofa:

O que é difícil entender [...] é que esses crimes ocorriam num mundo fantasma materializado num sistema em que, afinal, existiam todos os dados sensoriais da realidade, faltando-lhes apenas aquela estrutura de consequências e responsabilidade sem a qual a realidade não passa de um conjunto de dados incompreensíveis. Como resultado, passa a existir um lugar onde os homens podem ser torturados e massacrados sem que nem os atormentadores nem os atormentados, e muito menos o observador de fora, saibam que o que está acontecendo é algo mais do que um jogo cruel ou um sonho absurdo. (ARENDR, 2013, p. 378).

No espaço do confinamento e da tortura as fantasias mais bizarras e malignas tomam corpo e forjam o avesso da realidade de que nos fala a autora, compondo um quadro de dados sistematizados pelo absurdo da intolerância e da maldade gratuitas, sem precedentes, que pode inclusive arrebatá-los os familiares mais próximos.

A indiferença e o descaso da tia, assim como a sua defesa e apologia ao comportamento dos carrascos já idosos, imprimem no sobrinho a não aceitação daquela insistência irracional em demonstrar complacência com os

militares envolvidos, ao negar as responsabilidades da crueldade praticada por um regime governista ditatorial.

No desamparo de suas constatações e no recolhimento da sua divagação Sebastián vira o rosto para não encarar a tia e então se dá conta da presença de um “daqueles homens de uniforme” (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p. 119) sentado no sofá, mordendo o cabo de uma caneta e lendo um jornal antigo que teve algumas notícias recortadas, já amarelado pelo tempo. A visão daquele homem naquela sala o faz mergulhar em um estado de letargia memorialista, em uma volta no tempo, na lembrança de uma festa de casamento em família, quando ele era criança.

Na ocasião, o comportamento estranho, inquieto e agressivo do pai é relembrado e vê-se explicada sua intensa aflição, uma vez que o gesto de morder a caneta executado pelo homem de uniforme no sofá se põe em analogia direta com o ato de morder um naco de carne realizado por um velho general presente na festa de casamento e identificado como Jorge Videla, a causa da intranquilidade do pai.

Sebastián se deixa tocar pela revelação, pela compreensão dos fatos do passado, agora tão bem nítidos no momento daquele jantar, daquela sala, daquela casa. Sente a mesmíssima aflição que o pai “há de ter sentido”, a mesma “angústia que devia comprimi-lo” (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p. 119) e isso o compele ao embate, quando já não consegue se calar e deixar de expressar sua revolta.

Utilizando-se de termos “abrasivos”, ele relata os horrores perpetrados pelos militares quando no exercício do poder ditatorial, defendendo a punição merecida:

Trinta mil pessoas eles mataram. Para não falar de todos os torturados, os perseguidos, todas as crianças sequestradas, todas as migrações forçadas que eles foram responsáveis. Por mais caquéticos que se vejam esses militares hoje, há uma importância simbólica em que sejam, de algum modo, punidos. Para que eles e seus seguidores saibam tão bem quanto possível o mal terrível que perpetraram. (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p.120).

Ao ouvir a verdade sobre o terror indistigado, a mulher se nega a aceitar tais palavras; mesmo que em um átimo ela pareça tocada pelos relatos do sobrinho, num gesto de recusa e revide a tia dirige-lhe o mesmíssimo discurso de “dominação inexorável”, o mesmo “empenho sistemático de amplificar os males” (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p.120), alastrando suas justificativas

para dentro de uma lógica insana que abarca o reconhecimento e a legitimação dos regimes políticos ditatoriais:

Esses números são sempre inflacionados. Não morreu tanta gente assim, só os mais rebeldes, os mais inconsequentes, os insubordinados. Acontece aqui na Argentina o mesmo que aconteceu no Chile de Pinochet, na Espanha de Franco: um empenho sistemático de amplificar os males. Só não ocorre o mesmo no Brasil porque os militares de vocês sempre foram muito brandos, não havendo qualquer culpa a imputar-lhes. Morreram alguns aqui, ou no Chile, até no Brasil? Morreram. Mas o contexto faz de muitas mortes atos justificáveis. Quando a ordem corre perigo, quando se tem uma pátria a salvar... (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p.120-121).

O desenho que a mulher faz do mal cometido pelo regime ditatorial parece ser indispensável e inevitável para uma ordem que se supõe a ordem maior. Não interessam os meios usados, o que importa é o objetivo final, a “salvação” da pátria. Na ideologia do totalitarismo, a possibilidade das ações truculentas para que se consiga a solução dos “problemas” da nação é um fato consumado, criando-se uma arquitetura antissocial de arbitrariedade legalizada.

Conforme a análise aguda de Arendt (2013), a aceitação de um aparelhamento ideológico nem sempre ocorre de modo coerente, valorando de modo compulsivo suas estruturas mais superficiais e desconsiderando-se as pretensões igualitárias e os diversificados sentidos humanitários não atribuídos ao pensamento e às práticas que se querem aceitas. Para a filósofa judia,

acima da insensatez da sociedade totalitária, entrona-se o ridículo supersentido da sua superstição ideológica. As ideologias somente são opiniões inócuas, arbitrárias e destituídas de crítica enquanto não se as leva a sério. Uma vez que se lhes toma literalmente a pretensão de validade total, tornam-se núcleos de sistemas de lógica nos quais, como nos sistemas dos paranoicos, tudo se segue compreensiva e até mesmo compulsoriamente, uma vez que se aceita a primeira premissa. A insanidade desses sistemas reside não apenas na primeira premissa, mas na própria lógica em que se baseiam. A curiosa lógica de todos os ismos, sua simplória confiança no valor salvador da devoção obstinada que não atende a fatores específicos e variados, já contém os primeiros germes do desprezo a realidades e aos fatos próprios do totalitarismo. (ARENDR, 2013, p. 388).

A insensatez da existência de um mundo débil que se põe em funcionamento pela anuência concedida por seus seguidores reifica a comprovação de uma ausência de bom senso e observação pragmática acerca dos sentidos operantes em suas práticas, legitimadas pelos indivíduos imbecilizados na devoção incontestada.

Submersos no propósito de promover a destruição da pessoa humana através da manipulação do corpo e do pensamento, reestabelecendo uma ordem supostamente maculada e que fora atingida em seus elementos ditos “imprescindíveis”, aqueles “homens de uniforme” de quem se fala no texto literário destituíram os direitos civis e cercearam a liberdade dos cidadãos em vários países do mundo, usurpando suas racionalidades, eliminando os vestígios de suas individualidades e assim aniquilando suas potencialidades.

Ouvir as palavras da tia faz com que Sebastián sinta-se preso “entre as paredes que encerravam o terror”, voltando em pensamentos a uma estrutura de opressão e a um “cenário do mal maior”. Assim, a narrativa relembra as práticas do terror em suas minúcias, relatando com se fossem as palavras de um guia turístico o percurso de agonia e dor dos homens e mulheres que foram presos, torturados e mortos por um violento regime totalitário:

Os presos eram despidos de suas roupas comuns e submetidos a um lento e meticuloso suplício [...]. Tudo valia, torcer braços e pernas, dar golpes na coluna, tudo era possível, lacerar a pele, quebrar ossos, aplicar choques específicos, tudo era legítimo, usar os instrumentos mais diversos – não haveria controle algum de feridos. Depois de um dia ou dois [...] eram trancados em grandes arcas de madeira semelhante a caixões. Passavam em média uma semana aqui, enquanto eram conferidas as informações que haviam fornecido, contrastadas a outros depoimentos, mas não havia tempo-limite para o horror, para o martírio. Mantinham-nos alimentados com o mínimo, água e uns pedaços ínfimos de pão, e para distraí-los deixava-se o rádio tocando o dia inteiro, a um volume altíssimo, estorvando qualquer pensamento e qualquer chance de comunicação. [...] Se havia alguma grávida [...], nutriam-na com a comida dos guardas, evitavam castigos que pudessem danar o feto, fustigavam-na apenas nos braços e nas pernas, arrancavam seus cabelos, suas unhas. Quando estava prestes a dar à luz, separavam-na nesta sala reservada aos partos, e no mesmo dia o bebê era levado a outra família [...]. A mãe então se juntava à leva de escolhidos da semana, [...] recebia na veia a substância que a faria relaxar para o traslado que lhe era previsto. Os corpos já desmaiados eram carregados para

dentro das vans [...] e logo metidos em aviões [...]. Quando o avião se afastava o bastante da costa, quando tudo o que se via era o céu azul e o largo rio, do alto eram lançados os corpos ainda amolecidos pela anestesia, obliterados até da vertigem, um a um despencando no vazio. No baque surdo do corpo contra a superfície fria da água é que se encerrava cada voo da morte. (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p.121-122).

O longo trecho do conto reproduzido aqui é um testemunho claro e chocante de tudo o que as ideologias totalitárias conseguem proporcionar à humanidade. Reconhecer nesses atos bizarros uma distorção ideológica que “perturbe violentamente os parâmetros básicos da vida social” (ZIZEK, 2014, p. 13) é o mínimo a ser feito, é a constatação mais superficial a que podemos chegar acerca dessas práticas.

Em seu pensamento sobre diversas ações sociais de protesto realizadas na modernidade contra as opressões sofridas por diversos regimes políticos e econômicos em várias partes do mundo, o filósofo e cientista social esloveno Slavoj Zizek repensa as práticas sociais a partir do uso banalizado do conceito de violência em suas diversas modalidades e dessa forma endossa nossa análise sobre os atos de violência expostos no texto literário.

Polêmico, mal interpretado e incisivo, Zizek elaborou uma proposição sobre as ações do pacifista indiano Mahatma Gandhi, alegando terem sido elas “mais violentas” do que os assassinatos realizados pelo nazista Adolf Hitler, ressignificando o uso gratuito da palavra “violência”, tornando-a um conceito amplo e direcionando-a a um entendimento mais preciso ao deslocar o foco de observação de determinadas ações violentas praticadas isoladamente para os agentes (instituições) que as realizaram, bem como para os propósitos de tais atos. Vejamos o que suas palavras nos dizem:

Eu tento vender a ideia convencional de que Gandhi objetivava mudar o sistema e não destruir pessoas, mas como isso é lugar comum, busco uma formulação mais provocativa, expandindo de forma esquisita o significado da palavra “violência” para nela incluir mudanças institucionais. [...] Para que caracterizar as tentativas de Gandhi de minar o Estado britânico na Índia como “mais violentas” do que os assassinatos em massa de Hitler? Para chamar atenção para a violência fundamental que sustenta o funcionamento “normal” do Estado [...], assim como para a não menos fundamental violência que sustenta toda e qualquer tentativa de minar o funcionamento do Estado [...]. É por esse motivo que a reação do poder estatal contra aqueles que o ameaçam é brutal, e é por isso que,

em sua brutalidade, essa reação é precisamente “reativa”, protecionista. Portanto, longe de buscar uma forma excêntrica e gratuita, a extensão da noção de violência está baseada em um *insight* teórico fundamental, enquanto a limitação da violência a seu aspecto físico diretamente visível, longe de ser “normal”, depende de uma distorção ideológica. (ZIZEK, 2014, p. 12-13).

Insurgir-se contra o poder estatal é a tentativa de libertação de uma opressão sofrida em decorrência da ideologia institucional deturpada que elege como seus inimigos os cidadãos inconformados, argutos contestadores das ações políticas de favorecimento e privilégios desiguais aplicadas a uma sociedade nada equilibrada, em termos de classificação social.

No conto em análise, o discurso de brutalidade da personagem da tia (adepta dessa violência “reativa” e erroneamente “protecionista”, cega em seu ideário de bestialidade) é desconstruído pelos pensamentos do sobrinho que resgata para a realidade da diegese os detalhes das ações costumeiras e violentas do governo da ditadura, minando por dentro a noção da uma suposta legalidade do poder estatal “defensor” de seu funcionamento “normal”, refazendo desse modo a verdade das ideologias políticas de um sistema totalitário.

O ato de protestar, como ação também violenta, gerado pela recusa àquelas práticas violentas e injustas é o resultado de uma estratificação social a que estamos submetidos. No texto literário essa contestação ocorre tanto no plano mental quanto no plano da ação, uma vez que o personagem se convenceu de que precisava nos dizer em voz alta dos horrores de um regime político assassino e não apenas lembrar cenas de tortura e morte. No entanto a aproximação do desfecho da narrativa não nos deixa entrever e nem desfrutar de um balanço positivo.

Após despertar da lembrança de cenas terríveis acima descritas, Sebastián percebe o tremor sutil de um sorriso no canto dos lábios da mulher que acabara de levantar da mesa, findo o jantar. Ela sorri, entretanto ele sabe que o sorriso se dirige a alguém por trás dele que não se manifesta, alguém que não mais ocupa o sofá.

A presença soturna do homem uniformizado se agiganta e se aproxima, “faz-se sombra e como sombra cresce, tornando-se aos poucos inconteste”, pousando de leve as duas mãos em seus ombros, “que o agarram com suavidade mas não pretendem soltá-lo, duas mãos que o prendem à cadeira e sem tapar-lhe a boca o emudecem, duas mãos que tudo evocam e tudo evanescem da memória, duas mãos leves que no entanto imprimem em suas costas o peso maior de toda a história” (FUKS, 2012 *in* GRANTA, 2012, p.122-123),

encerrando aquilo que desde o princípio se anunciava como um retrocesso histórico possível de ocorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de toda criação literária seria apenas causar prazer estético em seus apreciadores, fortalecendo um pensamento universal de que o homem elabora seus artefatos artísticos por pura necessidade de diversão e para seu próprio deleite. Ao lermos uma obra literária produzida na contemporaneidade, percebemos que o propósito de sua criação ultrapassa a mera fruição estética e a complacência passiva.

Na proposta de muitos dos autores contemporâneos vemos a estética ser atrelada a grandes questões éticas, em uma associação que nos faz perceber a importância social de um projeto artístico bem elaborado, em que linguagem e pensamento estejam presentes de modo a provocar inquietações nos leitores e os insuflar à reflexão que conduz ao conhecimento amplo acerca de vários assuntos polêmicos da nossa vida, perpassando as concepções superficiais que geralmente alimentamos em relação a questões sociais.

No conto analisado aqui sobrecarregamos nosso foco de atenção na dimensão ética que subjaz ao trabalho com a linguagem realizado de modo sofisticado pelo escritor Julián Fuks, sendo inconcebível para nós tê-lo feito de outro modo, afinal o próprio texto literário suscita essa investigação.

Partindo dos dados biográficos do autor do texto (ele próprio filho de pais argentinos refugiados), nos vimos sendo conduzidos em direção à realidade empírica do espaço geográfico em que vivemos, a América Latina, território de junção de diversas culturas que carregam em seus percursos históricos rastros de sangrentas guerras civis e violentos regimes políticos ditatoriais.

Não que o final trágico do conto seja esperado por todos nós, ao contrário, analisamos, refletimos e agimos para poder (re)escrever nossa própria história sem a tinta cor de sangue da violência, atentos que devemos estar aos resultados da não aceitação das ideologias que pregam o cerceamento e a dominação.

Perceber que os dados da atualidade e os fatos da ficção guardam entre si uma assustadora semelhança é uma constatação dura que temos o dever de assumir, na iminência de que o medo dos resquícios de uma mentalidade totalitarista possa vir, para a infelicidade do ser humano e por descuido nosso, pulverizar a tentativa de obtenção dos estados de relativa tranquilidade a que nos dispomos na convivência em sociedades consideradas democráticas e laicas.

Fugir da repetição dolorosa de determinados contextos sociais e políticos massacrantes, preocupar-nos e ocupar-nos em preservar nossas liberdades

e igualdades que algumas práticas dominantes insistem em sobrepujar, anulando nossas capacidades intelectuais de pensar e praticar a vida em grupos sociais distintos de maneira equilibrada certamente é o melhor caminho, a ideologia mais saudável e propícia como resposta aos desencontros da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

FUKS, Julián. "O jantar". In: **GRANTA**, 9: os melhores jovens escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.